Revista Macambira

Diversidade, diferenças e desigualdades

Ida Kublikowski[1]

> As costuras, que eu prefiro chamar suturas em algumas peças, trazem a problemática de que o Brasil é um país que nunca se preocupou pelas compensações às comunidades que foram marginalizadas, expropriadas. É um país que quer ´unir`, a força, as diferentes populações que estão aqui, e para isso recorreu à violência sistemática do Estado. Eu digo sempre que o Brasil é muitas vezes como um Frankenstein, no qual partes díspares, que não se unem, são costuradas a força para tentar fazer um corpo comum. Obviamente isso não vai funcionar.
>
> (Rosana Paulino. Amefricana. Museu Malba, Buenos Aires, 2024).

A escrita deste texto fez aflorar lembranças da minha infância, vivida em um mundo que se reconstruía no período após a Segunda Guerra. Tendo por princípios as ideias de liberdade, fraternidade e igualdade, marchávamos confiantes rumo a uma vida ideal, prometida por uma ciência que acreditava, e nos fazia acreditar, em um universo harmônico, marcado pelas certezas. No entanto, nascida em uma família judaica, sentia que essa harmonia não era tão harmônica, abalada pela questão de ´ser diferente` e as possíveis consequências que essa diferença pudesse representar.

O que representam as diferenças? Se nossa humanidade nos iguala, simultaneamente, somos diferentes uns dos outros. A diferença só se torna um problema quando características que nos distinguem se transformam em desigualdades, enraizadas no colonialismo, na exploração econômica, na opressão política e nas injustiças históricas. Aqueles não tão iguais ficam enredados em uma trama difusa de significados, que envolvem a linguagem, os corpos,

[1] Doutora em Psicologia Clínica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Docente do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica (PUC-SP) e Coordenadora do Curso de Pós-Graduação Lato Sensu, Terapia Familiar e de Casal: Intervenções Sistêmicas em diferentes contextos (PUC-SP). ORCID: https://orcid.org/0000-0002-2126-9557. Lattes: http://lattes.cnpq.br/0194002039815042. E-mail: idakublikowski@pucsp.br.

Revista Macambira, Serrinha (BA), v. 8, n. 1, e081023, Jan.-Dez., 2024
ISSN: 2594-4754 | **DOI:** https://doi.org/10.35642/rm.v8i1.1404.

a construção de espaços públicos e privados, as instituições, em relações de poder que se solidificam e geram estados de dominação. Não reconhecer a diversidade implica então em excluir e desumanizar os "bastardos e bastardas de nosso tempo", em negar a riqueza do multiculturalismo e reservar a liberdade e a justiça para um outro, o que compromete quem somos e o que poderíamos nos tornar.

A mudança de paradigma na ciência representou um olhar crítico sobre a modernidade. Passamos a conceber as ações humanas em um contexto de liberdade, diversidade e tolerância. No entanto, em acordo com Bauman (1999), apesar desse olhar diferenciado, emergem práticas que reduzem a liberdade a opções de consumo e excluem a pobreza. A diversidade prospera em um contexto econômico e político que aprendeu como torná-la irrelevante para sua estabilidade. Esta irrelevância, transformada em indiferença, ou na percepção do diferente como estranho, ao invés de conduzir à solidariedade, passa a significar intolerância.

No entanto, na presença de um olhar ético, a solidariedade nas relações de intimidade e a igualdade de uma distribuição justa nas relações globais, conduzem a uma abertura ao outro, cujo significado reside em ouvir e debater posturas diversas reconhecidas como verdadeiras, uma relação de reciprocidade, na qual o homem que age assume um poder sobre aquele que sofre a ação, mas reconhece o mesmo poder no outro (Ricoeur, 1996).

Cabe então uma reflexão sobre o processo de subjetivação, que implica, em um primeiro momento, reconhecer seu envolvimento com o saber dominante de uma cultura, através dos significados prescritos para a experiência. Mas o ser humano não se limita a reproduzir padrões culturais, pois sua habilidade em ressignificar a realidade permite desnaturalizar verdades que produzem/reproduzem assimetrias, do espaço político ao espaço das relações interpessoais. A produção do significado e os processos envolvidos nesta produção acabam por assumir protagonismo nas ciências humanas e sociais.

Compreender as pessoas e suas biografias em perpétua transformação, exige entender suas experiências e atos intencionais, em um processo que só é possível pela participação em sistemas culturais de interpretação. Mas, na ausência da reflexividade, as concepções que se constituem nesses encontros com a alteridade se expõem cristalizadas ou distorcidas, com consequências imprevisíveis no mundo vivido.

Tal imersão na cultura envolve, de forma recursiva, a alteridade no processo de subjetivação, que na visão de Ricoeur (1996), prolifera e se torna irredutível à alteridade de instâncias na própria pessoa, a outra pessoa ou instituição. Neste entrelaçamento de identidades, o reconhecimento assume uma posição central na interação intersubjetiva, que organizada do si mesmo em direção ao outro, só se torna produtiva ao transformar o outro de

Revista Macambira, Serrinha (BA), v. 8, n. 1, e081023, Jan.-Dez., 2024
ISSN: 2594-4754 | **DOI:** https://doi.org/10.35642/rm.v8i1.1404.

estranho em semelhante. Mas esse processo de constituição do sentido, despido de um direcionamento ético, com todos os efeitos de violência que daí podem derivar, implica em atribuir uma responsabilidade a um outro cuja resposta é a passividade.

Vivemos em um contexto no qual os valores dominantes relativos à raça, ao gênero, à classe, à orientação sexual, entre outros, profundamente arraigados na organização social, promovem a invisibilidade de legados sedimentados em teorias e práticas, assim como no cotidiano, e transformam diferenças em desigualdades. Tal cenário nos convoca a investir em compreensões desses fenômenos que desafiem convenções culturais e fomentem mudanças sociais, além de exigir um compromisso dos profissionais da saúde com a diversidade, que por meio de visões críticas da realidade, busquem desenvolver perspectivas teóricas, pesquisas e intervenções que lancem luz e atendam a essas exigências.

A perspectiva sistêmica cumpre então a sua vocação, ao conceber a realidade construída em um processo individualmente cunhado e socialmente legitimado nos espaços interpessoais das negociações de significado que realizamos, em uma dada cultura e momento histórico. Nesse movimento recursivo, identidades são produzidas e se produzem nas relações dialógicas que se estabelecem entre os sistemas individuais e socioculturais, em um processo no qual o profissional é convidado a adotar uma posição de reciprocidade em relação ao outro.

Nesse sentido, teorias e práticas na atenção a famílias e comunidades, nos interpelam a nos deixar transformar por esses encontros, que em um exercício de reciprocidade transformam a ambos. Pelo testemunho do outro, aprendemos e devolvemos, pela via da interpretação, outras possibilidades de compreensão, que apropriadas pelas pessoas, podem gerar mudanças, em um processo que subverte estratégias normalizadoras, ao oferecer espaços de autonomia, não fora do poder, mas através de sua reversibilidade dinâmica.

Promover uma escuta às múltiplas vozes que até então foram silenciadas por histórias dominantes, é reconhecer que mesmo as teorias e práticas sistêmicas, assim como teorias e práticas em outras áreas do conhecimento, necessitam se aventurar por outros níveis de análise, rompendo as barreiras das ideologias dominantes e ampliando os parâmetros das conversações em nossa sociedade. Permitir em nossas intervenções que o não dito, as estruturas invisíveis, culturais, raciais, de gênero e de classe, que mantém hierarquias e limitam a vida de muitos, se exponham e expandam para abarcar a história, o contexto e a comunidade, pode representar uma profilaxia contra tradições que ensejam a supressão da alteridade.

Nesse cenário, a proposta do dossiê “Bastardos do nosso tempo: reflexões sobre a estigmatização às diferenças” é uma iniciativa preciosa, que busca tornar diferenças

Revista Macambira, Serrinha (BA), v. 8, n. 1, e081023, Jan.-Dez., 2024
ISSN: 2594-4754 | **DOI:** https://doi.org/10.35642/rm.v8i1.1404.

simplesmente diferenças. Caso contrário, as imagens da vida refletidas em um espelho, ou não permitem o reconhecimento, ou acabam por oferecer imagens distorcidas com as quais nos conformamos.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zigmunt. **Modernidade e ambivalência**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.

RICOEUR, Paul. **Sí mismo como otro.** Madri: Siglo Veintiuno de España Editores, 1996.

Revista Macambira, Serrinha (BA), v. 8, n. 1, e081023, Jan.-Dez., 2024
ISSN: 2594-4754 | **DOI:** https://doi.org/10.35642/rm.v8i1.1404.

Revista Macambira

Informações do Artigo	Article Information
Recebido em: 04/05/2024 **Aceito em**: 10/05/2024 **Publicado em**: 30/09/2024	**Received on**: 05/04/2024 **Accepted in**: 05/10/2024 **Published on**: 09/30/2024
Conflitos de Interesse A autora declarara não haver nenhum conflito de interesse de ordem pessoal, comercial, acadêmico, político e financeiro referente a este manuscrito.	**Interest conflicts** The author declare that there is no personal, commercial, academic, political or financial conflict of interest regarding this manuscript.
Como Citar este artigo - ABNT KUBLIKOWSKI, I. Editorial: Diversidade, diferenças e desigualdades. **Revista Macambira**, Serrinha (BA), v. 8, n. 1, e081023, jan./dez., 2024. https://doi.org/10.35642/rm.v8i1.1404.	**How to cite this article - ABNT** KUBLIKOWSKI, I. Editorial: Diversity, differences and inequalities. **Revista Macambira**, Serrinha (BA), v. 8, n. 1, e081023, jan./dez., 2024. https://doi.org/10.35642/rm.v8i1.1404.

Licença de Uso	**Use license**
A Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional (CC BY4.0). Esta licença permite compartilhar, copiar, redistribuir o manuscrito em qualquer meio ou formato. Além disso, permite adaptar, remixar, transformar e construir sobre o material, mesmo que comercialmente, desde que seja atribuído o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico.	The Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 4.0 International License (CC BY4.0). This license allows sharing, copying, redistributing the manuscript in any médium or format. In addition, it allows adapting, remixing, transforming and building on the material, even commercially, as long as due credit for authorship and initial publication in this journal is attributed.